

A NOVELA ‘HORA DA ESTRELA’ COMO METÁFORA MÍSTICO-FILOSÓFICA: UM ENCONTRO DE BENEDITO NUNES E CLARICE LISPECTOR
THE NOVEL ‘TIME OF THE STAR’ AS A MYSTICAL-PHILOSOPHICAL METAPHO: A ENCONTOUTER OF BENEDITO NUNES AND CLARICE LISPECTOR

Henrique Juvenal VIANA*
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

RESUMO: O presente artigo pretende fazer uma exposição de temas e duas personalidades da história do pensamento e das letras no Brasil. Benedito Nunes e Clarice Lispector. Razão e imaginação que se encontram na memória, personagem Macabéa, da novela a hora da estrela de Clarice Lispector. A vida da moça nordestina: desvalida, solteira, obtusa, enfermeira, desamparada, religiosa. É o centro onde os dois autores circulam e adentram como em uma atmosfera oceânica. O que trazem? O Mistério perene que é a vida humana.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Mística; literatura.

ABSTRACT: This article intends to make an exhibition of themes and two personalities from the history of thought and letters in Brazil. Benedito Nunes and Clarice Lispector. Reason and imagination that are in memory, character Macabéa, from the soap opera the hour of the star by Clarice Lispector. The life of the northeastern girl: helpless, single, obtuse, sick, helpless, religious. It is the center where the two authors circulate and enter as if in an oceanic atmosphere. What bring? the everlasting Mystery that is human life.

KEYWORDS: Philosophy; Mystic; literature.

Existem duas datas para o nascimento de Clarice Lispector, 10 de outubro e 10 de dezembro de 1920, morreu em 1977. Nascida na Ucrânia (Tchechelnik), em 1976 escreve “A hora da estrela”. Benedito da Costa Vianna Nunes, nasce em 21 de Novembro 1929 e faleceu em 27 de novembro de 2011. Livros publicados em que como (crítico literário e filósofo) escreve sobre Clarice: o mundo de Clarice Lispector (1966). Leitura de Clarice Lispector, 1973. A clave do poético, 2009. Clarice Lispector: A paixão segundo G. H de 1988. O dorso do tigre, 1969. O

* Mestrando PPGCR / UEPA Professor (Faculdade católica de Belém e Escola de ensino superior da Amazônia)
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1537245197321880>

drama da linguagem uma leitura de Clarice Lispector 1989.

O primeiro risco a evitar é a busca de conceitos instrumentais na filosofia para o exercício de uma pretensa crítica filosófica, que tentaria estudar a obra como ilustração de verdades gerais. No primeiro estado que escrevi sobre Clarice Lispector aí na sedutora armadilha dessa crítica-reutora (NUNES, 1993, p. 35).

A formação filosófica e literária de Benedito Nunes, não lhe permitia uma visão reducionista, homem que dissertava da física contemporânea à literatura eslava. Aqui temos e percebemos o homem-amazônico em que seu chão é a universalidade. Essa seria uma marca do querido “Bené”, para os mais íntimos. A crítica literária para nosso homenageado era muito mais que análise fria. Sobretudo, era um mergulho no espesso do sentido mais profundo da obra.

[...] Em 46, se não me falha a memória; descobríamos o modernismo. E o sinal dessa descoberta, que fizemos juntos, cheios de entusiasmo, foi à publicação, a partir daquela data, do suplemento literário da folha do Norte, semanalmente, aos domingos, e que teve como colaboradores, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Murilo Mendes e tantos outros modernistas históricos ou neo-modernos de 45, foram poetas, críticos e ensaístas, alguns dos antigos membros da academia dos novos, tardiamente convertidos à estética do modernismo (NUNES, apud. CHAVES L. 2011, p. 24).

Esse encontro com a literatura e filosofia, foi à marca do professor Benedito. Claro que reconhecia suas especificidades. Gostava sempre de esclarecer dois termos em suas palestras “razão e imaginação”. Porém a marca de seus pensamentos era essa relação quase osmótica entre essas duas realidades. Essa gama de filósofos e escritores regionais e internacionais, como também um conhecimento muito próximo da história da literatura nacional, permite a ele um pensamento tão sistematizado com ricos escritos e reflexões.

Leitor de Paul Ricoeur, Benedito Nunes sua obra de conceitos filosóficos-literários tais como (memória, história, esquecimento, ser...), para nosso filósofo conhecer é lembrar. “A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas. De quê há lembrança? De quem é a memória? Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana” (RICOEUR, 2014, p. 23). A personagem central de nosso artigo é uma mulher nordestina, em que a memória do agreste se mistura com a voz de sua consciência. Farei um corte nessa cena do texto, e depois darei seguimento.

Gostaria de partilhar com os leitores minha memória filosófico-literária do nosso professor Benedito Nunes; se deu em novembro de 2003, nas duas primeiras aulas (10 e 12) do referido mês, no CCFC, hoje Faculdade Católica de Belém, foram 9 horas aula, (filosofia e poesia). Em tão pouco tempo tanta densidade, o conteúdo ministrado foi:

- Três espécies de relação entre poesia e filosofia;
- Diálogo entre poesia e filosofia;
- Trilogia de Maria Zambrano;
- Drummond: pensamento e humor;
- Fernando Pessoa, poeta e metafísico;
- Versos e aforismos dos pré-socráticos;
- A busca do tempo perdido, Marcel Proust. Montanha mágica, de Thomas Mann, Orlando de Virgínia Woolf;
- Édipo e Divina Comédia;
- Épica, drama e lírica: Ilíada e Odisseia.

Ele em forma magistral em pouco tempo nos presenteava as chaves de leitura. Participei de outro seminário, um pouco mais longo, ocorrido nos dias 10, 11, 24 e 25 de Abril. 16, 17, 30 e 31 de outubro de 2010, 40 horas aula. “Seminário filosófico-literário (nihilismo; reflexões filosóficas e expressões literárias)”. Aqui nos expôs (Clarice, Kierkegaard, Camus, Sartre, Dostoiévski, João Cabral e Heidegger), no mesmo Local CCFC. Penso que essas informações serão importantes, para os leitores, memória intelectual de nosso homenageado. Dando continuidade, após esse lampejo de memória (histórico-literária).

Escolhi Clarice para esse diálogo Com Benedito Nunes, por sua relação com Belém, que aqui esteve nos conta a professora e pesquisadora Nádía Battella Gotlib:

Logo após o lançamento de perto do coração selvagem, vai para Belém do Pará. Em fevereiro de 1944 já lá está. E lá fica por meses, até julho. recém chegada, instala-se no central hotel: [...] O importante, contudo, é que essas amigáveis conversas por conta registram um cotidiano povoado de leituras. É rara a vez em que escreve uma carta a migo que não declare estar lendo algum livro. Em Belém, é Madame Bovary e outros mais. “tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me Madame Bovary, que eu reli: aproveitei a cena da morte da morte para chorar todas as dores que tive e as que não tive (GOTLIB, 1999, p. 175).

A cena da morte de Ema de fato é de uma beleza literária que impressiona.

E ela passava-lhe a mão pelos cabelos, devagarinho. A doçura daquela sensação aumentou-lhe a tristeza, sentiu esvair-se-lhe a vida em desesperação com a ideia de a perder, quando, ao contrário, ela lhe confessava mais amor que nunca; e ele achava nada [...] O padre ergueu-se para pegar o crucifixo; então ela estendeu o pescoço, como quem tem sede, e, colando os lábios ao corpo do homem-Deus, depôs nele, com toda sua força expirante o maior beijo de amor que jamais dera. [...] seguiu-se uma convulsão. Que a fez de novo deitar. Todos se aproximaram. Ema não existia mais (FLAUBERT, 2003, pp. 267-368).

Aqui em Belém, Clarice encontra solidão, e tempo para gastar, e a melancolia das tardes chuvosas em nossa cidade. Aqui também fez amigos, Benedito foi um deles, e esse marcou a

vida de Clarice. Também nosso professor era homem bem humorado, como também de uma introspecção e contemplação de filósofo de primeira grandeza. Benedito Nunes narra seu encontro com Clarice:

Um dos encontros, em Belém, com Clarice Lispector, depois publiquei o drama da linguagem (São Paulo, Ática, 1989); sobre o conjunto da obra dessa escritora ela me disse antes do cumprimento de praxe: “você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é”. No momento perturbou-me essa afirmação. Hoje passo ver como certo, além de encomiástico, o aturdido juízo de Clarice. Ela percebia, lendo o que sobre ela escrevi que meu interesse intelectual não nasce nem acaba no campo da crítica literária. Amplificado à compreensão das obras de arte, incluindo as literárias, é também extensivo, em conjunto, a interpretação da cultura e à explicação da natureza (NUNES, 2009, p. 23).

Como cantar em notas muito altas, escalar montes íngremes e escarpados, Nunes mergulhou na obra de Clarice como um arqueólogo do significado e do sentido de tão densa escrita. Clarice costumava dizer “eu me entendo”; sou “comum”, “não sou escritora”, “sou amadora” (Entrevista a Júlio Lerner 01 de fevereiro de 1977, para o programa “panorama”, da TV cultura de SP.). Nosso filósofo assim como Clarice era pessoa simples e acessível. “Um criador de rumos”. Os grandes temas da filosofia e da literatura foram analisados e mostrados com beleza e sistematicidade por Benedito, no que se refere ao “corpus lispectano”.

A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa essa história deu uma fígada finda em plena boca-nossa. Então eu canto agudo uma melodia sincopada e estridente é a minha própria dor, em que carrego o mundo e a falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi uma palavra mais doída, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes (LISPECTOR, 1998, p. 11).

A biografia, a vida mesma de Clarice, de tão simples era enigmática. Assim como Macabéa, personagem principal da obra “A hora da estrela”. Em um sempiterno solilóquio, essa moça nordestina vive em um estado quase permanente de introspecção, Clarice também assim parecia viver. Dramas pessoais. Que também tinham uma dimensão social e política. A figura da realidade dos nordestinos nas grandes cidades brasileiras, de sua época.

O romance foi escrito no final de percurso, nos últimos anos de vida. E em momento de tensão de um longo, e necessário e difícil diálogo com o outro, enfrentando-o agora na sofrida perplexidade diante de sua quase insuportável e suja miséria social. Seria seu ponto de chegada? [...] ela é nordestina e eu tinha que botar pra fora um dia esse Nordeste que eu vivi. Mas não é só a nordestina miserável e sim a nordestina que vem de Alagoas para a cidade grande, que é o rio de janeiro, em roteiro semelhante ao de Clarice (GOTLIB, 1995, p. 465).

Diz Benedito Nunes:

Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com mãos vazias, mas volto com o indizível... (PCS), aqui o arrebatamento da visão extática sobrepõe o mostrar ao dizer, o silêncio do olhar à sonoridade das palavras, o vislumbre intuitivo à frase. O poético, que se confunde com o místico, tal como Wittgenstein o entendia, é o aparecer do que se mostra o indizível. “Das mystischi” (o místico se mostra) (NUNES, 2009. P. 31).

Criada em ambiente de cultura judaica, desde então marcada por essas raízes religiosas. Clarice fez também um itinerário de escrita mística, muitos o interpretam como hermético, de qualquer forma exige de quem a ler, essa experiência com esse “ambiente de pegadas do mistério”. O próprio mundo interior dela era místico nas mais variadas nuances que essa palavra pode conter.

Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa, basta acreditar. Isso dava às vezes estado de graça. Nunca perdem a fé. [...] ela não pensava em Deus, Deus é de quem conseguir pegá-lo na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Deus como figura, e personagem na obra de Clarice é quase que uma constante. E essa relação com a divindade, mistério, religião, joga Clarice não para um fideísmo tosco, mas para um mergulho no que há de mais “para dentro” da realidade humana. Essa realidade mística envolve uma série de “mitemas” (Lévi Strauss), que permeiam a escrita e a vida de Lispector: sagrado, absoluto, encontro, existência, experiência, epifania, fascínio, tremendum, fruição. Todas essas realidades se relacionam e unem a experiência da personagem Macabéa na novela “hora da estrela”.

No romance de Clarice maçã no escuro. A narradora, que acompanha a trajetória de Martin, pode representar a realidade assim descortinada, por um encadeamento metafórico de termos – graça, harmonia, perfeição, e beleza. Tais são os principais significantes dispersos que convergem, retomando ao significado fugidivo de uma epifania, na palavra glória- metáfora de metáfora, cuja saturada expressividade, pela intenção do dizer que a sustenta, tem servido à mística e a teologia para assinalar o limite que separa o dizível do ser indizível (NUNES, 1989, p. 125).

Existe uma relação, comparada entre a palavra “Glória”, na obra de Clarice e na exegese bíblica. Parece ser conhecedora de texto em hebraico e grego das páginas da Bíblia. Digo isso pela análise compara dos textos. A personagem Macabéa (que é nome da cultura bíblica, referente aos Macabeus). Passas pelo uma realidade semelhante à teologia de João, e a hermenêutica da figura do cristo. Sofre e depois terá glória.

Por isso, “Convém lembrar as acepções de glória no Antigo Testamento: poder, refulgência, esplendor, majestade, sintetizando a aparição, manifestação ou epifania do ser Divino (DEFOUR, 1964). “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Talvez seja por minha formação filosófico-teológica, esses dados não passaram despercebido de minha análise. Professor Benedito Nunes como bom leitor e leitor, também tinha sólidas leituras de textos de universos teológicos. Principalmente da patrística medieval.

A compreensão exegética do Evangelho de João diz que o Cristo crucificado é o glorificado “o degrau mais abaixo da descida (Catábasis) é a exaltação (Anábasis) é um paradoxo um jogo de Palavras. A morte de Cristo marca uma descida e uma Ascensão, a sua humilhação e a sua exaltação” (BALLARINI, 1972, p. 563).

Macabéa é pura criatura, obra dos outros, que não tem linguagem própria, como não tem nada. Ela é nada. Não tem saúde. Não tem erudição. Não tem dinheiro. Não tem graça. Não tem poder. Nada de substantivo, nessa personagem que ou pergunta, ou diz bobagens, ou se cala. Mas parece, nesse nada ter, ter tudo - o milagre da sobrevivência: “não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira [...] (GOTLIB, 1995, p. 468).

Seria um niilismo místico a experiência de Clarice? Essa relação com seu nada, muitas vezes manifestada em Macabéa, não a fez ressentida. Ela percebia essa falta de fundamento que às vezes a existência se manifesta. Sempre a procura de um encontro, seja ele imanente ou místico. Nunca perguntei a Benedito Nunes sobre religião, pensei ser desnecessária, pois sua existência transparecia de uma mística (não-religiosa), que parecia até paradoxal. Ele era um contemplativo que não vivia em mosteiro.

O desenvolvimento de certos temas importantes da ficção de Clarice Lispector insere-se no contexto da filosofia da existência, formado por aquelas doutrinas que, muito embora diferindo nas suas conclusões, partem da mesma intuição Kierkegaardiana do caráter pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana, tratando de problemas como angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências (NUNES, 1969, p. 93).

Benedito entendia essa questão clariciana, do mundo de Clarice, sua ambiência fática e deslocada que se dava no cotidiano, na vida doméstica, marcada por uma violência do real, que às vezes parecia dilacerar seu corpo e sua alma. Assim se dava a vida de Macabéa. Atravessada pelo destino, e sua aceitação na própria carne. Essa ontologia do nada é um dado muito interessante nessa maravilhosa novela “A hora da estrela”.

Porque há o direito ao grito. Então grito. Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em

vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém (LISPECTOR, 1998, p. 13).

Vejam os que afirma Schopenhauer:

Que nos pode consolar de forma duradoura quando, por uma parte, temos conhecido que o sofrimento incurável e a miséria infinita são essenciais ao fenômeno da vontade, ao mundo. E, por outra, uma vez suprimida a vontade. Vemos extinguir -se o mundo e não fica ante nós mesmos mas que o nada (SCHOPENHAUER, 1988, p. 230. Trad. nossa).

Benedito, leitor de Schopenhauer, diz que era um dos filósofos de sua juventude. Em que essa metafísica do vazio, que depois vira preenchimento de uma vida marcada pelo um sentido e uma alegria profunda em viver, “sou um glutão” dizia ele rindo em uma entrevista que me escapa a memória. De certo passou por crises existenciais em relação a nada como realidade humana. Clarice também mulher do nada e de tudo. “Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio – um tédio até muito distinto” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Ninguém melhor que Sartre, também filósofo e amigo de Benedito Nunes para nos descrever fenomenologicamente a náusea:

O que vai tomar Sr. Antoine? Então fui acometido pela náusea, me deixei cair no banco, já nem sabia onde estava via as cores gritando lentamente em torno de mim, sentia vontade de vomitar. E é isso: a partir daí a náusea não me deixou, se apossou de mim. [...] sua camisa de algodão azul sobressaía alegremente contra a parede cor de chocolate. Também isso me deu a náusea. Ou antes é a náusea. A náusea está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo lado ao redor de mim. Ela forma um todo com o café: sou eu que estou nela (SARTRE, 2011, p. 36-37).

“Ela teve a primeira vez em vida uma coisa a, mais preciosa, a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço” (CLARICE, 1998, p. 41). Estar só diante de si, umas das atividades mais caras tanto a Benedito como a Clarice. A personagem principal da Hora da estrela também experimenta e gasta sua própria solidão.

Heidegger filósofo de predileção do nosso querido Benedito Nunes nos diz:

Ao atribuímos espacialidade à presença, temos evidentemente de conceber este “ser no espaço” a partir do seu modo de ser. Em sua essência, a espacialidade da presença não é um ser simplesmente dado e por isso não pode significar ocorrer em alguma posição do “espaço cósmico” e nem estar a mão em lugar. Ambos são todos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo (HEIDEGGER, 2005, p. 152).

Em entrevista de janeiro de 2004, ao professor Ernani Chaves (UFPA) que perguntou “como a filosofia aconteceu na sua vida?” ele respondeu: “[...] a outra recordação da filosofia – que nessa época eu tinha descoberto por conta própria - é que havia, digamos uma inquietação religiosa foi que me levou a filosofia” (NUNES apud CHAVES, 2008, p.10).

Nosso querido professor Benedito Nunes ainda cita que:

Os místicos cristãos estimulados pela a Graça procuravam ultrapassar esse estágio do deleite abismal. Uniam-se a Deus em outros degraus mais elevados da experiência ascética. É sinal dessa união o desaparecimento da *secura interior*, com a implantação com o estado de beatitude. Chegavam, assim, ao cume da contemplação onde se realiza, sob a forma de união transfigurada, núpcias ou bodas espirituais, o encontro humano com o divino (NUNES, 1969, p. 107).

Mística e filosofia; Clarice Lispector e Benedito Nunes são temas que tem uma relação e dinâmica filosófico-literária que nos permite desdobra e ampliar nossa percepção de nós mesmos e de mundo. Esse dossiê em que Benedito como filósofo, teórico da literatura, crítico literário e intérprete da Amazônia, fazendo de 10 anos de sua morte física, está vivo em pensamento e textos que podemos nos deliciarmos intelectualmente. E Clarice Lispector essa interlocutora de nosso homenageado. Um diálogo fecundo e amoroso. Deles retiramos o que há de melhor no gênio humano. Pensamento, escrita e mística são realidades próximas. Não se excluem mesmo diversas, são caminhos, vias, itinerários para a vida interior e para o nosso aprofundamento existencial, intelectual, místico, literário, filosófico.

REFERÊNCIAS

- BALLARINI. **Introdução a Bíblia**: antologia exegética. Rio de Janeiro: Vozes, 1964.
- CHAVES. Lilia, org. **O amigo Bené**: fazedor de rumos. SECULT, Belém-Pa, 2011.
- DEFOUR, Xavier. **Vocabulaire de théologie biblique**, Paris: Les Éditions du cerf, 1964.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo, Martin Claret, 2005.
- GOTLIB, Nádia. **Clarice uma vida que se conta**. São Paulo: Ática 1995.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Shuback. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. Entrevista realizada em 2004. Entrevistador: Ernani Chaves. Revista trans/form/ação: São Paulo, 2008.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ática, 1969.

____ **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1969.

____ **A clave do poético**. Org, Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

____ **Filosofia e literatura no tempo do niilismo**. São Paulo: Ática, 1993.

RICOEUR, Paul. **A memória a história e o esquecimento**. Trad. Alain Fraçois. São Paulo: ed. UNICAMP, 2014.

SARTRE, J.P. **A náusea**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

SCHOPENHAUER, A. **El mundo como voluntad y representacion**. Trad. Pilar Lopez. Ed. A. Hubscher, Santlich Werke. 1988.